

Abertura dos banhos do Hospital das Caldas da Rainha (15 DE MAIO)



Como Moysés, que do rochedo arido faz gorgolejar a agua da torrente, assim Rodrigo Berquó, a um simples aceno da sua vâra magica, consegue povoar o bufete do club das Caldas, de victualhas pingues, de viandas reconfortantes, em termos dos caldenses começaram a comprehender que não era a ultima palavra da ceia volante, o prato de fatias velhas com que o conselho Pim os regalava ás noites, na sala do club,—fatias condimentadas com um chá tão fraco, tão fraco, que nem ás vêzes tinha força par sahir do bulle.



Em plena alegria mundanal dos socios do club das Caldas, para quem os croquetes, as aves frias, os fiambres e os salames, não são mais chimeras, senão mastigaveis realidades, destaca funebremente o conselho Pim e os seus sectarios, que erguendo os braços, declaram o abastecimento do bufete, immorttal, e preveem já o instante em que o fogo do Senhor haja que descer do ceu, para exterminar os que ceiam — sem licença d'elle.

—O pobre homem!

O velho Lafuente

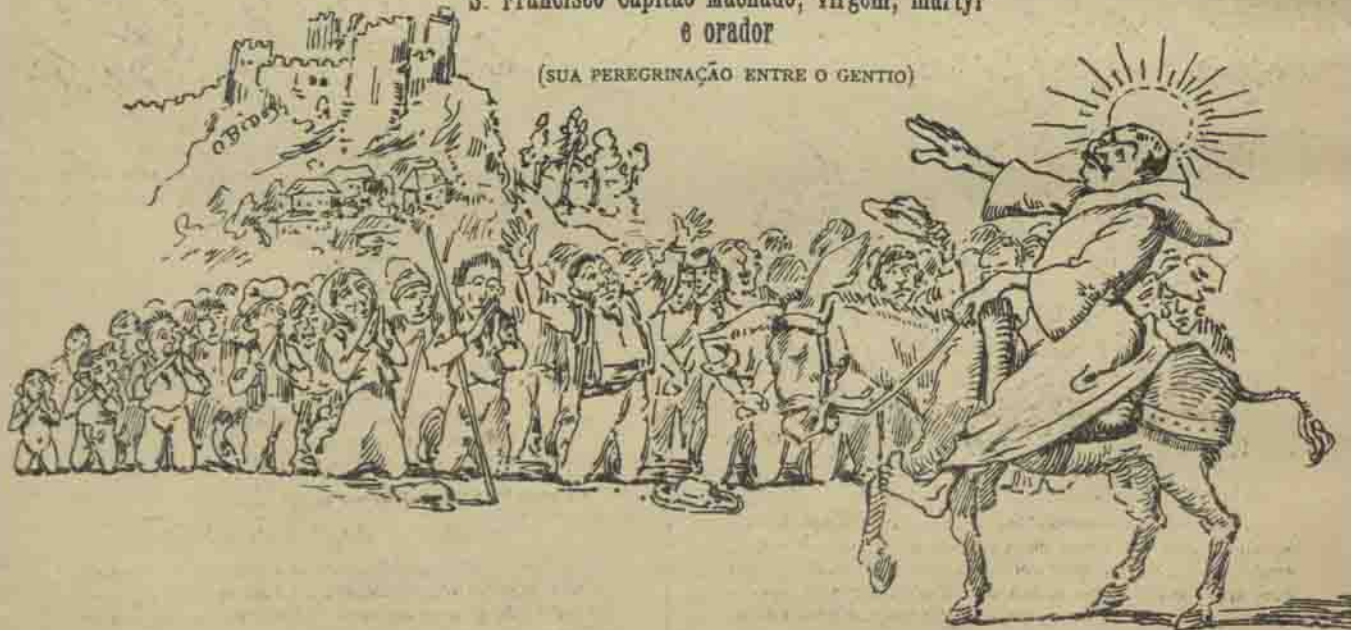


Morreu em Lisboa, D. Francisco Lafuente, velho hesponhol, que á força se rezidir entre nós, quasi se tornára um portuguez, dos mais amaveis e dos mais queridos á nossa capital. D. Francisco Lafuente, que a Lisboa culta e elegante conhecia e tractava, pelo *papá Lafuente*, era pae de dois dos mais distinctos espiritos da Hespanha moderna — de Giner de los Rios, homem de letras bem conhecido pelos seus estudos sobre Portugal — e D. Francisco de los Rios, o talentoso cathedratico da Universidade de Madrid. Deixa fundas saudades aos seus amigos, o illustre velho, cujo espirito fino, cuja gentileza cavalheiresca, e cuja austeridade, lhe conquistavam de prompto a sympathia dos que d'elle se approximavam.

Que durma em paz!

S. Francisco Capitão Machado, virgem, martyr e orador

(SUA PEREGRINAÇÃO ENTRE O GENTIO)



Partiu para aquellas terras o Santo, e ali se deteve, durante mezes, a prégar as doutrinas da Religião progressista, tratando de converter á igreja os infieis.

Montado em humilde jumento, por isso que fora n'esse animal que Nossa Senhora partira para o Egypto, percorreu o Santo por atalhos e veredas, chamando a si a atenção dos povos.

Encontrava no caminho uma pobre mulher pejada, e logo o santo desciá do animalajo, e collocando o indicador no ventre da mulher, dizia-lhe



— Em nome de S. José Luciano, mulher, terás a resalva para o fructo do teu ventre, e assim o livrarás das ignominias da tarimba.

E (*mirabile dictu!*) via-se o menino imperfeito agradecer comovido as promessas do Santo.

Mas como os espiritos d'aquelles povos não fossem muito cultos, entendeu o Santo que nem só com promessas nem com parabolias os edificava, e, tomando a peito livral-os das penas de Ze Sataz Pinheiro, inventou o symbolo material, explicando:

— Em verdade vos digo que jámais no mundo se viu um pinheiro derrobar um machado, mas sim um machado abater um pinheiro!



E eram tanto de inspiração divina as palavras do santo, que até os meninos dos mais tenros annos as recordavam em seus sonhos, vendo, como se vissem, apparecer-lhes o santo em figura d'anjo, com duas azas candidas como as do mesmo Espirito Santo. E então os meninos, com um sorriso de innocente bestitude, coçavam o na-

rizinho, exclamavam:

— Viva o nosso capitãosinho Machado!



E o anjo lhes dizia:

— Não atraças sobre a tua cabeça innocente as iras de Arouca tyranno!

E mais milagres fez o Santo, por isso que, n'aquella remissão das almas, sendo usado por outros prégadores o vistico do carneiro e da batata, elle isso dispensou, deixando o cordeiro no rebanho e a batata no batatal. Mas até a planta e até o bruto, que não teem entendimento, foram como que tocados d'un raio de divina graça, e veio o carneiro á porta do curral e a batata á flor da terra agradecerem, de lagrima no olho e labio tremulo, a bondade de S. Francisco, balando assim o bruto:

— Capitão Machado, me! e obrigado!

E saltando a batata:

— Obrigado, capitãosinho! Eterno reconhecimento!



E eis em poucas palavras a historia edificante da peregrinação do bem aventurado S. Francisco capitão Machado, virgem, martyr e orador, espelho da verdade, torre da justiça e fonte perenne de eloquencia.



QUESTÃO AFRICANA

Tão branca quem era outrora
Qual preta de Pungo-Andongo!
Como alveja tanto agora?
Com SABONETES DO CONGO!

Saboaria Victor Valssier, em Paris.

ABAIXO A MARCA INGLEZA

Previne o publico que não consuma a manteiga Inglesa, porque a CAZA AÇORIANA, rua Augusta 271 e 273 por todos os vapores está recebendo grandes remessas de finissimas manteigas de todas as ilhas.

O tryptico do Zé Povinho

Contempla esta miseria, povo, e arrepende-te, se podes, de versatilidade, da subserviencia e do envilecimento em que cahiste.



Em 11 de janeiro, desfaldavas a bandeira nacional, descoroada, gritaste viva a Republica! — insurgiste-te franca e nobremente contra os teus algozes: juravas eterno odio ao inglez, estavas disposto a pedir severas contas aos poderes do Estado que enganavam a tua boa fé, e prostituíam a alma da patria, na ara de mil vergonhosas falcatuas.

Trinta dias depois, esquecido já d'essas promessas redemptoras, voltas a comprar ao inglez as suas zarrapas, dás-lhe 2.000 contos annuaes por manteiga falsificada, compras-lhe tecidos de algodão que desfinjam e rasgam como podres, soffres que a bandeira ingleza cubra todo o commercio maritimo dos teus portos. Ah, miseravel! miseravel!

Trinta vêzes te ouvimos protestos de fidelidade patriotica... que não gastarias senão productos nacionaes, que não perdoarias ao partido inglez a servilissima ignominia do teu jugo, que fecharias os puços, e exilarias os propulsores da tua miseria e da tua ruina.

E a subscrição nacional, que era um meio de protesto: e o advento da formula republicana, que era um meio de regeneração e de desforço, tu esquecel-a, tu desdenhal-a; e tornas ao que eras, a ser um escravo do bretão polluido, a ser um cavallariço da monarchia que te detesta e vive á tua custa. Miseravel! Miseravel! Miseravel!

MARCEL BORDINI

A má lingua

O governo que tentou obter com tyrannicos hábitos todas as boccas da imprensa opposicionista, de certo não previu que ao lado das folhas periodicas amordaçadas, outra especie de jornalismo se ergueria, e esse mais livre, mais audacioso, e mais implacavel que o primeiro — o *jornalismo oral*, que se fabrica quotidianamente nas galerias e corredores do parlamento, nos *fumoirs* dos clubs politicos, á porta das tabacarias e dos cafés, que *diç tudo*, esse, escarpelisa tudo, — e ao pendurar na força um facinoroso politico ou um traidor, escreve-lhe no poste o nome com todas as letras, para que a multidão verbera o infame, atirando-lhe á cara os dejectos dos cães, os vomitos do enxurro, e o desprezo dos homens de bem.

Esse *jornalismo oral*, que não pedé á assignatura responsabilidades, e corre mundo anonymo, é agora entre nós, depois da lei das rolias, o ariete vingador dos opprimidos e dos descontentes; e se é certo que os seus excessos, dez vezes mais ferozes que os da imprensa escripta, putrefazem injustamente ás vezes, reputações, deturpam factos; por outro lado demos-lhe alento e curso, porque elle é tambem porta-voz d'algumas escruciantes verdades, e pelourinho de muitos e muitos alquiladores politicos desprezíveis. É esse *jornalismo* quem nos irá mostrando, d'aqui por diante, o estado de gangrena irremediavel a que chegaram entre nós os partidos monarchicos, e a *chantage* hedionda, em que todos liquidam, não já tramando nos gabinetes dos ministerios e na sala dos jornaes as suas rapinagens, occultando-se, por uns restes de pudor, senão clamando alto, de banda a banda da rua, por cima do transeunte attonito, as suas condições, fazendo preço ás suas reviravoltas, sem receio da opinião que elles desprezam, e afixando ao contrario, com um desplante cynico, a sua audacia, como um corollario d'aquella lei de Darwin que promette o mundo ao mais forte, sem investigar se esse forte, é na maior parte dos casos tambem, o mais infame.



Assim, as ultimas tiragens do *jornalismo oral* (outros apodarão esta imprensa nova, de má lingua) vem cheias de revelações perturbadoras, quanto aos *des-sous* da politica e da administração do actual gabinete, e informam a opinião d'uma quantidade de *complots* sinistros, de cujo preparo se não pôde duvidar, attenta a circumstancia d'elles não serem creações de phantasias estranhas á politica, senão provirem de boccas auctorizadas, de confissões de *gros-bonnets* completamente familiares na vida intima do ministerio que nos governa. Começa por se não saber já quem, na actual situação, é partidario do governo ou partidario da opposição. O governo raptado do parlamento as figuras que o apoquentam, e essas figuras sem excepção, deixam-se raptar. E' larga a lista já, dos *engajados*, e por pouco que ella continue, o or-

çamento não choga para pagar os *sacrificios* que vão fazer lá fóra, esses contrarios, que só o amor da patria móve, e que nada mais do que pelas viagens pagas, deixam tudo, para ir liquidar em Africa o fígado cirrotico, e em Inglaterra os pulmões edmaciados. O entusiasmo pelas colonias, que esfriou no povo, começa agora a empanturrar a pansa dos politicos; e a dedicação que a canalha da rua não quiz mostrar, resistindo ás prohibições da policia, e ás mordagens do *ukase* rolheiro, eil-a enfunando, como um gonfalo de guerra, a alma generosa e desinteressada dos ministros do sr. Serpa, e através d'ella, a inexplicavel isenção de personagens como o sr. Thomaz Ribeiro, o sr. Barjona de Freitas, e o sr. Marianno de Carvalho. Inda ha poucos dias, o sr. Emygdio Navarro fez um discurso d'opposição, que cheirava diabolicamente a maioria, e o sr. Serpa se gabava, para desculpar a extemporaneidade da sua dictadura, de haver recebido cartas de grandes figuras progressistas, applaudindo o governo pela energia com que procedera. Que salgalhada é pois esta, não me dizem? A opposição não quer deixar fallar Eduardo de Abreu, o governo recruta embaixadores e expedicionarios na opposição, o sr. Navarro anda nas palminhas dos artigos do sr. Chagas... Diabo! Diabo! Ou os cavalheiros andam a mangar com a tropa, ou então, como se diz na Revista, *ha differença*.



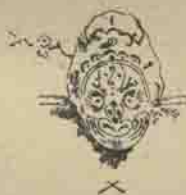
Ora, enquanto estas e outras comedias se entrecocam, *pourries de farce*, qual é a situação verdadeira do governo? Qual a sua força moral? O seu credito? A compenetração definitiva do seu papel? O seu alcance? O seu ideal?

Responde-se dizendo que a situação do governo é deploravel; que a sua força moral é nulla, mesmo entre os proprios partidarios; que o seu credito afalcoa; que o seu papel resvala pelo reles; que o seu alcance é uma serie d'expedientes sem nobreza, e que o seu ideal emfim, é viver sem saude, uma vida de tolerado, comprada a peso d'intrigas, d'extorsões, de porcarias e d'abusos, que afundam isto cada vez mais. Poucas gerencias teem mofado tão atrocemente da subserviencia publica, e menos ainda hão feito praça de menos limpídos planos de conducta.

Quando este governo cahir, os delegados de saude mandal-o-hão sepultar de prompto e sem autopsia, receosos de que a saude publica perigüe, comlhe revolver a cirurgia politica nos destroços. Nenhuma habilidade, nenhuma lucidez, nenhuma virtude... Na praça de Paris, com o emprestimo dos 95000 contos, quasi que fez bancarota o nosso credito, e houve em Lisboa um dia em que os pagamentos ameaçaram ser sustados. O problema fazendario resolve-se por um augmento d'impostos, que devastam as populações, que não sabem já como viver sob o peso de

tamanhas exigências, ellas sem industria, ellas sem agricultura, ellas sem commercio, ellas sem riqueza, ellas sem nada! Em Lisboa, só o imposto de consumo representa uma monstruosidade que põe de rastos familias e familias. A offerta do monopolio dos tabacos (ha dois annos ainda combatido pelo actual ministro da fazenda) está feita por uma cifra, que não sendo accessivel a ninguem, naturalmente prepara a concessão, por meio preço, a algum felizado abutre da finança. Verbas outorgadas d'antemão p'ra certas obras d'urgencia impreterivel, sorve-as o thesouro em obscuras voragens d'acclamações, d'enterros e de festarolas dymnasticas, que nos põe a familia real por seis ou oito vezes o custo da lista civil.

Ha dois annos votou-se a construcção d'um hospital d'alienados, destinando-se, para subsidial-a, verbas provenientes do espolio dos conventos fechados, do imposto sobre as loterias estrangeiras, etc, etc. Succede que nemo hospital figura no orçamento d'este anno, nem das verbas costeadoras se sabe ao certo, suspeitando-se d'ellas o bastante para se crer que assistissem ao enterro do D. Luiz, á acclamação do D. Carlos, ás eleições, e aos foguetes da chegada da rainha. O governo dirá talvez que não ha dinheiro para installar doidos, faltando elle tanto para as prebendas dos ajuizados, e que é de razão deixar em ruinas a Escola Medica, se não hão de ser medico-legistas d'officio, mas curiosos, os enviados aos congressos d'antropologia criminal do estrangeiro.



O que se tem feito á questão africana, constitue por si só uma d'estas indrominas propositalmente enganadoras, que revoltam a consciencia do mais indifferente, e fazem ferver sarcasmos de morte, na bocca dos mais leaes adversarios. Desviada do tramite da intervenção das potencias, unico que talvez offerecesse algumas garantias, para a fantochada das negociações directas, os nossos territorios d'Africa central ficaram perdidos — des'que o gabinete inglez se pilhou a sós com a inania servil dos nossos diplomatas, e ponde de S. James, sem ser ouvido da Europa, ameaçar o throno portuguez de lhe cortar as radiculas parasitarias que o prendem ainda ao solo em que nós gememos e suamos. Sabem todos que o sr. Barjona de Freitas, cuja manutenção em Londres excede, dizem, já uma cifra redonda de 150 contos de réis, não foi para lá tanto para remover uma complicação de politica externa, como para livrar o governo da guerreia que este embaixador-guitarrista lhe poderia promover no parlamento.

De sorte que sobre perdemos a Mashona, e o direito exclusivo de navegação no Zambeze e no Chire, ainda por cima costeamos em Londres D. Basilio, que por lá anda a soffrir os encontrões de Salisbury. A expedição do sr. Marianno de Carvalho é o

complemento d'esta cruzada de regeneração colonial que o sr. Barjona de Freitas está encarregado d'alicerçar em Inglaterra, com as suas habilidades de rabula-fadista. O director do 'Popular' vae a Moçambique estudar as riquezas da provincia, e redigir o plano de exploração nacional d'essas riquezas. Leva comsigo engenheiros e agronomos da sua escolha (o distincto agronomo que ha tempos se offereceu ao governo, para estudar a flora local, e as novas culturas susceptiveis d'implantação nas nossas possessões africanas, não foi lembrado para a expedição!) e percebeu do governo (dizem os informados) 200 contos de réis para pagar as despesas da expedição, — de cujos resultados scientificos, é de suppor venha a aproveitar-se alguma companhia franceza, eminente.



Pague portanto o povo os novos impostos, sem reluctancia — arruine-se o povo em esforços e trabalhos, ande desçalço, roto e miseravel, a cavar a terra ingrata e improductiva, prohibido de se desforçar quando é batido, de soltar uma queixa quando o roubam, d'escolher á sua vontade o regimen politico sob que quer viver, e d'applaudir os apostolos da ideia nova, por quem realmente sinta confiança!

Veja as suas escolas sem material nem professores, os seus edificios em ruinas, a sua propriedade onerada, as suas fabricas perdidas, os seus operarios sem trabalho, e cada vez mais perto do presente, a deshonra moral, a invasão estrangeira e a bancarota. Mas pague! pague sempre! É necessario que a burocracia engorde, que o rei tenha o exercito contente a proteger-lhe o throno, e que para os cães de fila que o governo teme, haja um osso prestes, com bastante carne, para deixar o governo socegado.

Em breves dias, o parlamento hade fixar a lista civil. É natural que por uma combinação de bastidores, já suspeitada, algum dos novos deputados se levante então, e com palavras sabujas, saudando as virtudes excelsas da realza, proponha em vez de 360 contos de réis, 600, attenta a importancia dos serviços que SS. MM. prestam, e o facto de tudo agora estar mais caro.

Nesse dia corramos todos a S. Bento, saudar o proponente, e opinar que seiscentos contos é ainda pouco, e melhor seria fazermos doação á monarchia, de tudo o que nos cofres do Estado fique, depois do sr. Marianno de Carvalho partir, e depois do sr. Barjona de Freitas chegar!

—Que ha de ser pouco.

IREAN.



O discurso do sr. Navarro



Inda não acabava de ferir no peito, o Sr. Serpa, em meio dos sorrisos satisfeitos do sr. José Luciano.



já feria no peito o sr. José Luciano, em meio dos sorrisos satisfeitos do sr. Serpa. Obra de folego, de gosto e d... intuito. Os políticos decididamente são o diabo!